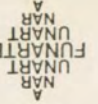


52-24/26

Patrocínio: União Brasileira dos Escritores - Seção de Rondônia

Ministério da Educação e Cultura
Fundação Nacional de Arte
Instituto Nacional de Artes Plásticas



Instituto de arte contemporânea

Fluxo Barroco de m...
539

Galeria FUNARTE
Sergio Millet



Sergio Millet
539

mas não consegui nada mais, é uma tinta roxa e um roseo, tenho agora uma tinta amarela e verde. Nestes desenhos que vão para o Rio, tem três desenhos, a pessoa olhando nota a diferença dos desenhos do nanquim para a outra.

A maioria de seus desenhos mostra um cre- púsculo, parece o dia amanhecendo, o entar- só um problema da tinta que o senhor dispõe

que dá esse tipo de coisa?

É uma coisa especial. Muitos ficam admira- dos, pensam, como é que eu faço aquela luz,

aquele cor.

O senhor parece ser uma pessoa de muita

sensibilidade, o senhor toca também alguns

instrumentos musicais, fale um pouco dessa

faceta, como o senhor chegou a isso?

Eu no tempo de crianças, nunca tive oportuni- dade, fui aprender depois de uma certa idade.

O senhor tem muitos irmãos? Sua família era

muito grande?

Tenho, é muito grande. Quando apareceu o

violino, já estava com idade de 18 a 20 anos, o

instrumento que eu gosto é o violino. Eu toco

violino. Eu posso dizer que aprendi a pintar e a

tocar violino sozinho, sem mestre, tocar violão

nao, porque a pessoa vê fazer uma posição e

faz a mesma e aprende.

O senhor já ganhou algum dinheiro com suas

pinturas? Por que hoje o senhor está co-

brando um preço que começa a ser razoável

por seu trabalho, já lhe rendeu alguma coisa?

Muito pouco como eu já falei, muitas pessoas

não queriam dar valor ao desenho, então eu

achei em muitas vezes dava o desenho de

presente para não vender por pouco mais ou

nada. Hoje faço um desenho e penso: devo

valorizar meu trabalho porque se a gente não

valorizar todo mundo quer o mesmo de graça

e pronto perde o valor. Hoje eu faço um qua-

dro, como há poucos dias vendi um por Cr\$

2.000,00 e com a ajuda do SESC, esses dese-

nhos meus, o SESC tem dado grande ajuda,

com essa cooperação eu tenho esperanças

que esses desenhos indo lá para o Rio seja

bem acolhido.

No seu entender como o senhor vê essa expo-

sição dos seus trabalhos lá no Rio? O que re-

presenta para o senhor essa exposição?

Olha eu não posso falar nada mas espero que

todos gostem, pois admirem meu trabalho,

aqueilo que faço, trabalho com o nanquim, com

diversas cores, mistura de tinta com o próprio

nanquim. Repare nos meus desenhos que

têm diversas qualidades de tipo de desenho

sobre as cores, sobre mistura de cores.

O que estou querendo saber é o seguinte,

como é que vou explicar. O senhor acha que

vai mudar muito a sua vida, enquanto pintor

alguma forma?

Talvez, tenho esperanças, não sei.

Quantas exposições o senhor já fez?

Eu já participei de umas 4 exposições.

Todas aqui no Acre?

Não, 3 no Acre e 1 em Brasília.

Essa de Brasília foi coletiva, o senhor era um

dos participantes?

Sim, eu era um dos participantes.

Fora daqui essa exposição sua é a primeira?

Mas exposição só minha mesmo, eu não fiz

nenhuma, só participei. Essa é a primeira.

Gostaria de saber a opinião de outros pintores sobre seu tipo de trabalho. Essas exposições de que o senhor participa com outras pessoas, o que seus colegas acham de seu trabalho?

Sempre eles têm admirado o meu trabalho. As vezes perguntam como é que eu trabalho com pincel e caneta, não tem outro material.

O senhor tem filhos?

Tenho.

Quantos?

São 5 filhos.

Alguns de seus filhos faz esse tipo de arte com o senhor?

Tenho uma filha que é muito inteligente sobre esse assunto: o de desenho. As vezes estou fazendo um desenho e ela só em olhar diz que o desenho não está bom, que está faltando luz. Ela tem sua queda para o desenho.

Que idade tem ela?

Ela tem 17 anos. Ela não tem vocação para esse tipo de desenho mas tem para outro tipo de desenho, ela abre letra e outras coisas.

Fora desse tema de selva, seringa, da vida do seringueiro, o senhor desenha outra coisa também? Tem outro tipo de desenho?

Fora do desenho?

Só o senhor desenha outro tipo sem ser esse tipo de seringa.

Não, o importante de cada um é ter seu estilo de trabalho. Meu estilo é esse. Se eu for co- piar, fazer imitação de outro desenho de um colega sou capaz de acertar aquele mesmo estilo de trabalho dele, mas não, não é impor- tante, o importante é cada um ficar com o seu. Não é importante eu copiar o trabalho do Ge- nésio, do Danilo, isso não é importante, o im- portante é eu ficar no meu trabalho com o meu estilo.

Não falo só no estilo, é no assunto também. Vou perguntar de outra forma. O senhor falou que desenha há muito tempo, desde quando o senhor começou com lápis; desde quando o senhor acha que seu desenho aprunou, desde quando ficou em condições de expor,

Luta feroz e constante, dissabores, a dureza social que o temperou. Frederico Morais já comentou anteriormente esse aspecto, mas de Helio Holanda Melo e sua vida, dá conta ele mesmo em entrevista feita acordada ao SESC em fevereiro de 80.

Pela mesma, entre outras coisas, ficamos sabendo que é também músico e optou pelo violino como instrumento. Argumentou ainda de modo pertinaz sobre essa escolha. Ora, do seringal ao violino — que nos dizem ter uma alma, chave bastante misteriosa e complexa — esse caminho ele percorreu, e o fato em si prova uma sensibilidade que tal- vez já o destina para uma vocação de su- perior qualidade.

A prova dessa qualidade superior, quando desenha ou pinta com luz — não me atre- va a definir — eu a encontrei numa sua ex- posição ano passado no SESC da Tijuca. Em todo caso, ali por ele soube dessa luz que tirou da floresta, aquela que pousa nos seus desenhos e logo nos oferece, ensina, obriga a ver.

“A propósito de Helio Holanda Melo ou A beleza da luz observada”

Caso de simbiose estética com a mata em que viveu? Assim se explicaria naturalmente esse fenômeno, sem dar conta todavia da sua motivação profunda em conhecer, pelo trabalho de arte, os meândros luminosos da complexa da luz suntuosa, curiosamente definida com a maior precisão em desenhos de sábia naturalidade. Assim o limpo alvore- cer, o lento chegar do escuro noturno, as travessuras da luz nas ramadas e o seu pou- so efêmero na textura rouca dos troncos; as clareiras luminiscentes, os suaves abrigos da sombra, os finos percursos e os amplos espaços que, plenamente, a luz de Helio Melo ocupa.

Essa luz da mata provavelmente existe por lá, mas a que aqui vemos nos vem de Helio, seringueiro, seringalista, Mestre Artista Maior da floresta, nosso amigo, obrigado.

SERGIO CAMARGO
Julho, 1981

Como vai ao Rio?

Depois que eu fui fazer esse curso com o Ge- nésio.

Isso foi quando?

Foi quando fui fazer esse curso com o Gené- sio e ele viu meu desenho, meu trabalho e es- creveu alguma coisa no jornal a meu respeito.

Com o incentivo do Gregório foi quando

apareceu meu trabalho. Antes meu desenho

era uma coisa oculta. Eu fazia muitos dese-

nhos para esses alunos de aula e eles tiravam

10. Eles quando queriam tirar 10 pediam para

eu fazer os desenhos.

Que tipo de desenhos o senhor fazia para es-

ses alunos?

Todo tipo de desenho. Eles diziam o tema por

exemplo tirante e eu fazia. Eles tiravam 10, 9,5

e ficavam satisfeitos, mas meu trabalho não

aparecia. Muitos colegas diziam que com es-

se trabalho de desenho eu ia morrer de fome,

isso não dá futuro a ninguém, mas duas coisas

que eu sempre admirei é o desenho e a mú-

sica. Pessoa que admira a música e o dese-

enho acho uma pessoa com vida.

O senhor vai ao Rio acompanhar sua exposi-

ção. É a primeira vez que o senhor vai ao Rio?

É a primeira vez.

O senhor foi a Brasília acompanhando a outra

exposição?

Não.

O senhor já saiu para visitar outros Estados?

Só a Manaus.

Quer dizer que essa é a primeira vez que o se-

nhor vai ao Sul?

É a primeira vez. Brasília foi os meus dese-

nhos, mas eu não fui.

O senhor vai viajar com o Grupo GRUTA?

Sim, vou até São Paulo.

Vai fazer um trabalho musical?

Sim.

Vai tocar violino na peça SUARENTOS?

Sim, na peça SUARENTOS.



— 12 de fevereiro de 1980, entrevista com o Sr. HÉLIO MELE, pintor, acreano, aqui na Delegacia do SESC em Rio Branco.

Há quanto tempo o senhor pinta? Quando o senhor começou a pintar? A desenhar?

Desde 12 anos, já tinha aquela vocação para o desenho. Já desenhava alguma coisa a lápis. Chegando a Rio Branco, desenhava a lápis e depois passei para nanquim. Com essa tinta fiz mais serviços e foi com ela que achei que o serviço ficou mais idêntico. Assim acertei com a qualidade da tinta, e não quis mudar para outra tinta.

O senhor chegou a Rio Branco há quanto tempo?

Cheguei aqui em 1959.

Seu Hélio, o senhor hoje vive de pintura? Sua profissão é pintura, ou o senhor faz outra coisa?

Não, eu tenho o meu emprego, e vou dizer, de pintura eu quase não tenho nenhum lucro. Contanto que eu tenho às vezes trabalhado e tenho dado de presente porque acho que não compensa, não paga o meu trabalho, eu vejo que não paga o meu trabalho e acho melhor dar de presente que eu mesmo vender por pouco dinheiro.

O senhor trabalha em quê? Qual o seu emprego?

Trabalho na Codisacre. Sou vigia de lá.

Seu Hélio, antes do senhor vir para Rio Branco, antes de ser vigia, o senhor fazia o quê? Qual era a sua ocupação?

Eu quando cheguei a Rio Branco, o primeiro trabalho que eu fiz foi uma catraia em 59. Reimei 11 anos de catraia, depois chegou o progresso e a ponte veio aí, fiquei naquela situação difícil, sofri um pouco, mas graças a Deus venci. Agora já estou com 4 anos que eu estou empregado nesta Companhia que é a Codisacre.

Com muita dificuldade que arrumei esse emprego e ganho Cr\$ 3.500,00, mas dá pra ir passando.

Antes do senhor vir para Rio Branco o que o senhor fazia? Qual a sua profissão?

Cortava seringa e cortei muito tempo. Trabalhei como seringa e cortei e como seringalista. Nós morávamos e tínhamos uma pequena parte do seringal Senápolis.

Onde ficava o seringal Senápolis? Em Boca do Acre?

É perto de Boca do Acre.

Como seringueiro o senhor ficou sempre naquela região de Boca do Acre?

Certo.

Quando o senhor veio para Rio Branco trabalhava na catraia, o senhor fazia travessia ou remava aí por dentro, por esses lugares mais distantes?

Não, só mesmo na travessia.

Seu Hélio, a sua pintura é muito marcada pela sua vida no seringal, seus temas, o seu desenho é muito ligado a isso, fale um pouco dessa vida. O que ficou pro senhor?

É isto que eu quero falar um pouco. A minha vida, que passei no seringal, não tive a oportunidade de estudar, fiz até o 3.º ano. No desenho eu apresento alguma coisa que eu não tenho palavras para falar. No desenho eu apresento a minha vida. Aquele detalhe do seringal, aquele sofrimento todo é isso que apresento no meu desenho.

Da vida de seringueiro, da sua vivência no seringal, o que mais o senhor apreciou? Se o senhor for contar uma história sobre esse tempo, de que o senhor se lembra de mais importante, mais marcante desse tempo de menino?

Olha eu tenho muita coisa pra contar sobre a vida no seringal. Para o seringueiro a vida é mais pesada, mais dura. Eu acho que de todos os trabalhos, o mais pesado seja o do seringueiro, seja o mais humilde, o mais massacrado pelos próprios patrões.

Seu Hélio, em um de seus quadros a gente nota uma imaginação muito grande. O senhor coloca cachorro em árvore, situação assim meio fora da realidade. Fale dessa fantasia que existe no mundo do seringueiro! Se é uma coisa que está na sua cabeça só, ou se dentro do seringal existe muita visão fantástica das coisas. Como é isso?

Nada, aquelas coisas que eu pinto, coisas trepadas em árvores sempre têm um sentido. Tenho muitos desenhos que vão viajar para o Rio de Janeiro, tem coisas que muitas pessoas nunca ouviram falar. Feixo de estrada, quem é que ouviu falar em feixo de estrada? São coisas que ficam muito difíceis que só eu mesmo posso dizer o que é. Sobre o animal trepado na árvore, como por exemplo o cavalo trepado, não faço isso por uma brincadeira, tem algum sentido, boto no desenho o que não posso falar.

Não, mas fale.

Sim, por exemplo: o animal, o cavalo lá trepado na árvore, são dois desenhos. Uma árvore não tem escada, logo em seguida no outro desenho o cavalo trepado na árvore e tem escada. O homem olha e vê o cavalo trepado que dá um grande sentido, coisas que eu conheci no meu tempo: capitão, coronéis compravam patente, o sujeito não era de nada, mas ele tinha qualquer título, ele comprava a patente, então, eu fiz a comparação com o cavalo lá em cima da árvore sem escada, e nada, o povo subia sem precisar disso. Para a vida de hoje o desenho de mais sentido é aquele que tem escada. Eu falando no sentido do desenho, é o meu. Hoje tem escada. O burro já sobe, mas tem escada. Na realidade o burro não sobe, mas ninguém pode dizer que ele não subiu a escada. Pois esse assunto dá muito sentido sobre os meus desenhos.

Seu Hélio, o senhor mostrou os seus desenhos para muita gente que gosta de pintura. Eu gostaria de saber o que seus companheiros mais antigos acham de seus desenhos. Como eles vêem isso. Como é que um homem que viveu como o senhor lá no mato, naquilo tudo, como eles entendem seu desenho

Quase todos, até aquelas pessoas que trabalhavam naquela profissão, que diga: rapaz o

teu serviço está errado, você fez isso aqui e não ficou certo, todos acham que sobre a vida do seringueiro, todo o detalhe, os meus desenhos tenho muita coisa a falar. Não estar ou talvez só a metade dos meus desenhos, só a metade está bem. Dar explicação sobre os desenhos. Está bem. Dar explicação sobre eu via sobre a vida do seringueiro eu olhava e achava que faltava alguma coisa. Muitas pessoas desenhavam mas nunca viveram aquilo. Então a pessoa que já viveu aquele trabalho pode desenhá-lo o seringueiro idêntico, a mata como que ela seja real. O seringueiro raspando a seringa, desenhos que eu tenho e muitos que não conhecem isso dizem: — pra quê que serve esse negócio de raspar seringa. O feixo de estrada. Eu tenho e faço questão de mostrar uma maquete que seja bem explicada, a casa do seringueiro, a defumação, a estrada como é.

Quântos desenhos o senhor já fez sobre esse tipo de coisa?

Já fiz mais de 30 sobre isso.

Seu Hélio, eu gostaria que o senhor falasse sobre a técnica que o senhor usa. O tipo de material que o senhor utiliza e como é que o senhor chegou até esse material, quem foi que lhe ensinou, ou o senhor descobriu sozinho?

Eu desenhava só com um lápis, todos viam e admiravam mas eu achava que estava faltando alguma coisa. Eu fazia um estufo com o Genésio, foi uma pessoa que disse, somente um pouco de sombra está faltando no seu desenho, mas você tem uma técnica diferente e não sei como é que você faz isso a lápis. Genésio me incentivou e disse: — Será que com essa tinta nanquim o senhor faz alguma coisa? Fui fazer um teste. Levei a tinta pra casa e lá já fiz diferente do que ele me ensinou. Misturei com água e fui misturando e trocando o ingrediente.

Que tipo de ingrediente?

A água, eu modificava com a água, ia ficando uma sombra mais clara, outra mais escura. Mostrei para o Genésio e ele disse: — Rapaz que tinta é essa? É diferente. Eu disse: — Não, essa tinta é nanquim. Ele acreditou porque eu falei pra ele como eu misturei e que o desenho ficou diferente. Fui tendo o cuidado, procurando outras cores e hoje só trabalho com o nanquim, com a maior facilidade e não quero trocar de tinta, porque o nanquim é uma tinta tão segura, pode passar mais de ano que não muda de cor, é sempre fixa.

O senhor passa alguma coisa para fixar o seu trabalho? O senhor passa algum tipo de verniz por cima do desenho?

Passo sim, eu passo o verniz bem fraquinho que é para segurar bem a tinta. Ela pode sujar e você pode lavar, mas meus quadros tira. Isso foi criação minha.

Gostaria que o senhor falasse mais sobre esse processo do senhor, desta tinta que o senhor faz de uma maneira muito particular. Gostaria de saber o uso de flores, de folhas, de casca de árvores, fale sobre esse material, como é que o senhor mistura?

Comecei a procurar e todas as árvores que eu ia pegando as folhas, dissolvia, experimentava porque a qualidade de tinta, a própria do material dava na mata, ela segurava no papel, ela não dá bolha, ela é uma tinta fixa. O sumo dela fica idêntica uma brilhantina.

Como o senhor tira o sumo dessa planta?

Pisando, depois espremo. Uma outra qualidade de planta que já fiz um desenho como ela

Exposição de
Helio Melo

de 5 a 17 de agosto de 1981

GALERIA FUNARTE Sergio Millet

Inauguração dia 5 às 18h

Rua Araújo Porto Alegre, 80 - Centro - RJ

MINHA VIDA

"Nasci no ano de 1926 Vila Antimary município de Boca do Acre Amazonas.

Filho de gente pobre unilde meu pae chama-se Alberto era surdo com tanto que minha mae era a chefe da casa

que resolvia todo negocio Chama-se Ritinha Somos quatro

irmãos dois homens duas mulheres,

Moramos no Seringal Nova Floresta propriedade de

meu Avô Joaquim de Melo Aos 8 anos de idade passei a

morar no seringal Senapoles o qual minha mae era Herdeira

de uma pequena parte do mesmo.

La foi meu torção onde passei minha vida a lutar por

nada Minha mae me encinou a estudar começando o ABC

até o primeiro livro la existirá tantas crianças sem estudar

então minha mae falou com o Prefeito de Boca do Acre e

mesmo conseguirá mandar uma professora lecionar foé

essa minha oportunidade aprendi pouquinho Seis meses

de estudo.

No tempo da palmatoria quando eu tirava saldo nos

meus colegas, na hora da matematica era so o que eu sabia

dem.

E o importante foi o final das provas aquela salada, a

professora era minha madrinha e eu ainda hoje lembrame

na realidade voce não tinha possibilidade de passar Dahi

por diante me dediquei ao trabalho a partir do corte da

seringa a quebra da castanha serrar madeira enfilim uma

seris de couzas.

Ententei perigos sem conta que hoje me sinto honrado

contar a historia de uma luta vá principalmente a do

seringueiro.

Até aos 11 anos e esta a minha istoria." Helio Melo.

